

Editorial

Grande é a alegria de uma família quando nasce o primogênito de uma nova geração. Do mesmo modo, se podemos falar daqueles pesquisadores, professores, profissionais e estudantes que se reúnem em torno dos estudos aristotélico-tomistas sobre a mente como uma grande família, já tão grande que se estende por todo o País e até pelo Exterior, bem podemos aquilatar o júbilo que experimentamos ao vir à luz o primeiro exemplar da primeira revista de Psicologia Tomista de que tenhamos conhecimento.

Gáudio que cresce em significado se recordarmos que todas as matérias publicadas neste número são provenientes do Primeiro Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia, ocorrido entre 18 e 31 de maio de 2023 e promovido pelo Instituto De Anima (<https://institutodeanima.com.br>), o qual reuniu estudos científicos provenientes de diversos países. Como não foi possível publicar todos os trabalhos deste congresso nesta edição, confiamos continuar sua publicação no próximo número.

Ambos os eventos representam, desse modo, um marco histórico para o desenvolvimento dos estudos relacionados com o enfoque aristotélico-tomista da Psicologia e se inserem num contexto de várias outras atividades acadêmicas que põem em relevo o seu caráter científico.

Dentre estas atividades podemos registrar, além da publicação deste novo periódico, a realização de congressos especializados, a apresentação de trabalhos em outros congressos, inclusive internacionais, a realização de cursos, a multiplicação de grupos de estudos, as publicações de livros e de artigos científicos, a promoção e o apoio a estudos de pós-graduação *lato e stricto sensu*, as apresentações de relatos de casos clínicos e a estruturação de um estudo clínico experimental para avaliação da eficácia terapêutica do referido enfoque.

À medida que atividades como estas se desenvolvem tem-se observado, entretanto, certas manifestações de incompreensão, quando não de inexplicável hostilidade, por parte de alguns profissionais de saúde mental, por vezes até revestidos de cargos representativos.

Argumenta-se que a Psicologia Tomista não seria científica por basear-se num grande teólogo medieval e num notável filósofo da antiguidade, sem dúvida, porém representantes de períodos históricos nos quais ainda não estavam em vigor sequer cânones metodológicos tais como os propostos por Auguste Comte, Gustav Fechner ou Wilhelm Wundt, por exemplo, e muito menos se dispunha dos avançados recursos tecnológicos que suportam a neurociência contemporânea.

Talvez não se recordem, entretanto, que autores como os mencionados também eram filósofos, como se pode verificar em qualquer livro de história da Psicologia, e que até mesmo diversas correntes da moderna neurociência se vinculam a critérios

filosóficos tão antigos como os propostos por René Descartes ou mesmo Platão, como observaram autores especializados.¹

Alguns talvez não estejam informados, ademais, que Aristóteles foi considerado por muitos estudiosos como o pioneiro da metodologia científica nos estudos sobre a mente.² Talvez desconheçam também que São Tomás não só era teólogo, mas foi um dos maiores filósofos da história, baseando sua filosofia em critérios rigorosamente lógico-rationais, além de pautar seus escritos, quando se relacionavam com matérias científicas, pelo que era considerado como o mais atualizado em sua época. Se havia criticáveis insuficiências e equívocos nas ciências de 800 anos atrás, pelos quais o Aquinate não era, ademais, responsável, de igual modo se criticarão as lacunas e enganos da ciência atual daqui a oito séculos.

Discussões à parte, os estudiosos e profissionais que já tiveram a oportunidade de constatar a eficácia terapêutica do enfoque aristotélico-tomista quando aplicado à prática clínica veem nisso motivação suficiente para prosseguir suas investigações, sempre segundo os mais rigorosos critérios bioéticos e científicos atuais, em que pesem as críticas ou indisposições daqueles que ainda não tiveram oportunidade de conhecê-lo suficientemente.

Se os fatos ainda continuam a ter força de argumento, o desenvolvimento dessas investigações, aliado ao conjunto das iniciativas acima referido, falam por si. O verdadeiro espírito científico baseia-se em evidências, e não será procurando coibir o desenvolvimento de novas evidências que se poderá favorecer a ciência.

Cabe-nos, portanto, não só estimular sempre mais iniciativas como essas, como procurar facilitar o intercâmbio e os estudos dos investigadores por meio desta publicação, convidando-os a enviarem regularmente suas colaborações. E – por que não? – convidando também àqueles que se preocupam ou até se contraponham ao desenvolvimento desse enfoque psicológico a procurar conhecê-lo melhor.

¹ Ver, por exemplo, BENNETT, M. R.; HACKER, P. M. S. *Fundamentos filosóficos da neurociência*. Tradução de R. A. Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

² Ver, por exemplo, BARBADO, M. *Introducción a la psicología experimental*. 2. ed. Madrid: Instituto Luís Vives de Filosofia, 1943 ou CAVALCANTI NETO, L. H. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. 2012. 571f. Tese (Doutorado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://philpapers.org/rec/CAVCDP-2>.